

Poeta do ser e do tempo

texto / text **Luís Carlos Patraquim**

fotos / photos **cortesia família Noronha** / courtesy of Noronha's family

“Moçambique acaba de perder um dos seus filhos queridos e um valor dentro das letras locais. Morreu Rui de Noronha, o moço poeta africano que marcou no acanhado meio intelectual de Lourenço Marques por meia dúzia de poesias incertas em várias publicações da Colónia e da Metrópole”

“O Brado Africano”, edição de Janeiro de 1944

Em 1909, quando nasceu a 28 de Outubro, a cidade de Lourenço Marques mal existia. A derrota do Império de Gaza era memória recente. Levas de uma heteróclita fauna humana, tendo como centro de gravidade o porto e os caminhos-de-ferro, iam recompondo um tecido social de forte matriz colonial.

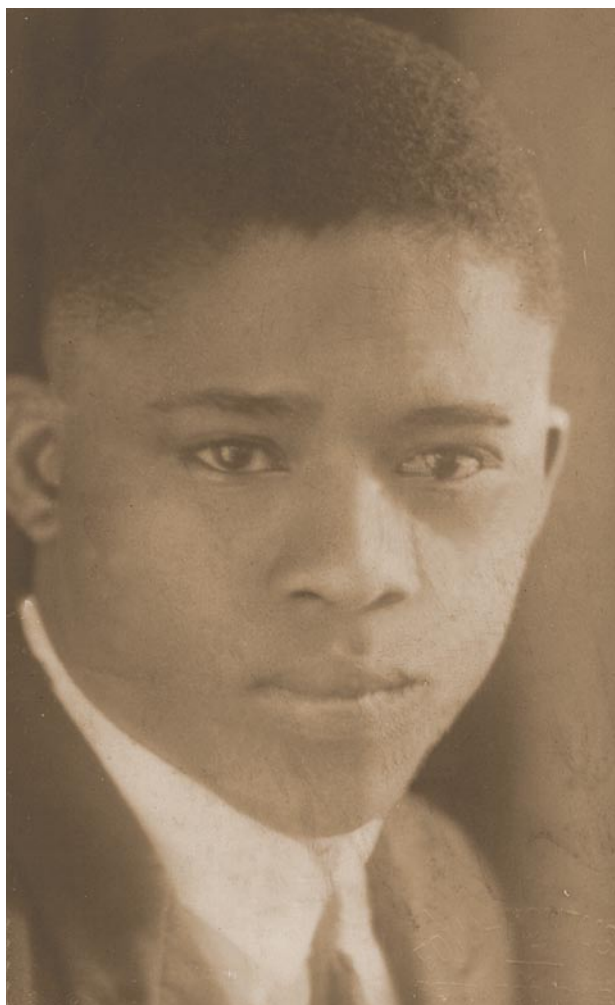
Mãe negra, pai goês, António Rui de Noronha frequenta o antigo Liceu 5 de Outubro, onde foi depois a Escola Comercial, na Av. 24 de Julho.

Sem jeito para o negócio, como escreveu Mário Cesariny referindo-se a Mário de Sá-Carneiro, poeta suicidado em Paris, foi, como tantos, funcionário dos CFM (Caminhos de Ferro de Moçambique), ao tempo a principal entidade empregadora do território. Trabalhou em Nam-pula, regressou a Lourenço Marques e morreu, pobre e só, numa

enfermaria do antigo Hospital Miguel Bombarda, em 25 de Dezembro de 1943. “Morrem cedo os que os deuses amam” e a frase pode, hoje, soar a cliché. Mas foi esse o destino do poeta dos “Sonetos” e do poema “Quênguêlêquêzê”, poeta percursor, personalidade que, com inteira justiça se deve integrar no rol dos protonacionalistas moçambicanos, dando sentido à noção desenvolvida por Mário Pinto de Andrade. Muitos anos depois, num outro 25 de Dezembro, um outro Rui, torturado e acorçado, morreria também, longe da sua cidade de adopção e da sua Inhambane natal. Chamava-se Rui Knopfli e é condição dos poetas, para além da conjuntura do tempo e do lugar, prefigurarem-se como videntes (Rimbaud *dixit*), ou vaticinadores de mundos por acontecer. Craveirinha sabia-o. Noémia de Sousa, a voz

inaugural de uma poesia com pendor negritudista e assumido protesto, de religação também das diásporas e alienações que descentravam o homem africano das raízes da sua cultura, ou culturas, comporia uma carta/elegia ao sofrido poeta, ao homem tímido, ao irremediável torturado de si mesmo, que foi Rui de Noronha.

De João Albasini, seu contemporâneo, ambos intervenientes na vida pública de então, através do jornal “O Brado Africano” e no associativismo nativista do “Grémio Africano”, se fala, e poucos conhecem, o seu “Livro da Dor”, publicado postumamente. Mas o poeta de essa dor indefinível, a da nenhuma resposta, ou só





pasmo - como escreveu Reinaldo Ferreira -, pairando nas Esferas, de uma transcendência que se persegue; o homem de um tempo e lugar marcados com o ferrete do preconceito racial, da sobrançeria de uma enganosa gesta "civilizadora" e de todas as injustiças e usurpações que testemunhava; o poeta/homem que, osmoticamente ligado à sua terra, almejava também uma cultura do Universal, como a definiria mais tarde Léopold Sédar Senghor; esse poeta/homem/cidadão, matricialmente Índico, com África e Orientes e lusa língua dentro de si e que meteoricamente passou pela vida; esse/este António Rui de Noronha é o que merece todas as homenagens no centenário do seu nascimento.

2009 deve ser também ano dele. E a melhor homenagem é lê-lo. Fátima Mendonça, estudiosa da sua obra, estabeleceu-lhe a edição canónica, expurgada, ou explicadas as variantes e acrescentados inéditos, para além dos famosos "Sonetos"



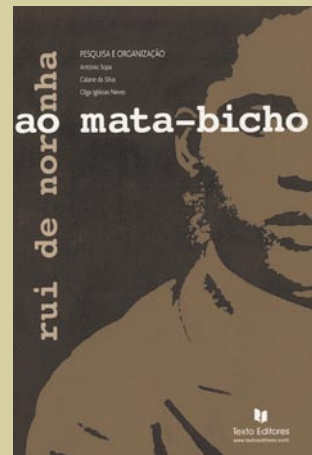
que um Reis Costa prestimoso, e seu antigo professor, resolvera "emendar", em edição organizada pouco depois da morte do poeta.

Mas Rui de Noronha foi também um articulista de mérito, na tradição protestativa dos irmãos Albasini, Estácio Dias e Karel Pott. Proclamou o direito dos "nativos" à plena cidadania, bateu-se pelo direito de todos à educação plena, subscreveu o célebre manifesto colectivo sobre a "Questão dos Assimilados" (1927), perseguiu a afirmação

de uma identidade moçambicana plural, defendendo o ensino corânico, cantando "Pretas" e "Mulatas" em prosa poética que os jornais publicavam.

José Moreira, historiador moçambicano, sublinha a afirmação dessa identidade em sonetos como "Pós da História" (1934), inédito até à edição definitiva da sua obra, a que já aludimos, onde Noronha "subverte a mitologia que o poder colonial criara em torno da derrota do Rei de Gaza, Gungunhana":

"Fez-se silêncio lúgrube,



Inquietação

*Meus dias de amargura,
meus cuidados,
Meus dolorosos dias de incerteza,
Perdidos cantos meus,
meus idos brados
De incompreendida dor
e de tristeza.*

*Risonhas horas minhas
de franqueza,
Calmos dias de riso emoldurados;
Tecidos de candura e de beleza,
De efémeras certezas clareados:*

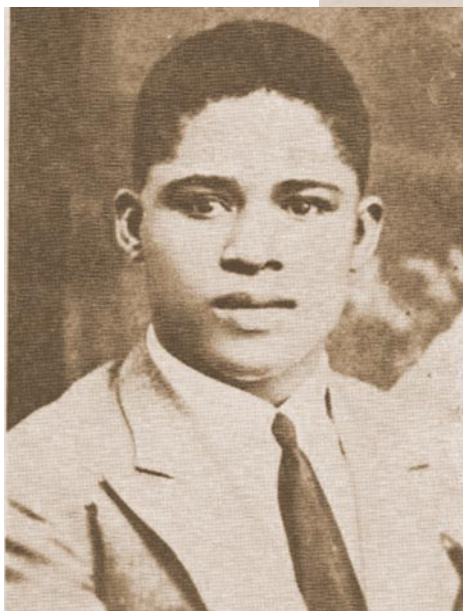
*Se de entre vós eu escolher pu-
desse
As alegrias, essa breve messe
De ouro, ou a tristeza
e o seu vaivém*

*De dor, - eu preferiria toda a vida
Uma tristeza inquieta,
à adormecida
Certeza imóvel dum eterno bem...*

Rui de Noronha,
in "Miragem", 2 de Julho de 1932

*completo, no craal do vátua
célebre e vetusto, e o Gun-
gunhana, em pé, sereno o
aspecto, fitava os dois, o olhar
heróico, augusto.*

Este é o Rui inteiro, da sua tragédia e do nosso (des)contentamento, que vai fazer cem anos em Outubro próximo. ■



Poet of a bygone time

“Mozambique has just lost one of its beloved sons and an important local writer. Rui de Noronha has died, the young African poet who marked the restricted intellectual milieu of Lourenço Marques with half a dozen desultory poems in several publications in the Colony and Portugal”

“O Brado Africano”, January 1944

At the time of his birth, on 28 October 1909, the city of Lourenço Marques barely existed. The fall of the Gaza Empire was still a recent memory. Haphazard waves of human fauna swirled around the port and the railroad hubs, busily rebuilding a social fabric of decidedly colonial nature.

António Rui de Noronha, the son of a black mother and Goan father, attended the former 5 de Outubro High School, later the Escola Comercial, at Avenida 24 de Julho.

Having no aptitude for business, Rui de Noronha worked, like so many others, for the Mozambican rail company, the main employer at that time. He worked in Nampula, returned to Lourenço Marques and died, poor and alone, in an infirmary of the old Miguel Bombarda Hospital on 25 December 1943.

“Those the gods love die young” is a phrase that may sound like a cliché nowadays. But such was the destiny of the writer of “Sonetos” and “Quenguelequeze”, an avant-garde poet, who entirely deserves to be included on the roster of Mozambican proto-nationalists, giving meaning to the notion developed by Mário Pinto de Andrade. Many years later, on another 25 December, another Rui was also to die, wracked in pain, far from his adopted city and from his native Inhambane. His name was Rui Knopfli. It is the condition of poets to foreshadow things beyond their time and place, as clairvoyants (Rimbaud dixit) or prophets of worlds to come. Poet Craveirinha knew that. And Noémia de Sousa, herself the first voice in a negritude leaning and open protest poetry, one remaking the connections broken by the diasporas that

had uprooted the African man from his culture or cultures, was to write a letter/elegy to the long-suffering poet, the shy man, the self-tormentor that Rui de Noronha had been.

We hear of João Albasini, his contemporary, of the involvement of both men in current public life through the newspaper "O Brado Africano" and in the national association "Grémio Africano" ("the African Literary Guild"), but few have heard of his "Livro da Dor" ("Book of Pain"), published after his death. Yet the poet of that indefinable pain, the pain of no reply; the man of a time and space marked with the iron of racial prejudice, of the disdain for a treacherous "civilizing" feat and for all the injustices he witnessed; the poet/man who, while osmotically linked to his land, also craved for a universal culture, as it was later defined by Léopold Sédar Senghor; it is that poet/man/citizen, Indian by registration, with Africa and

the Orients and the Portuguese language in his soul, who passed meteorically through life; it is that/this António Rui de Noronha who merits every homage in the centenary of his birth.

2009 ought to be dedicated to him, the best homage being to read his writings. Fátima Mendonça, a scholar of his opus, established the canonical edition of his work, with the variants either expurgated or explained and various previously unpublished materials included, in addition to the famous "Sonetos" that his former teacher Reis Costa had helpfully decided to "amend", in a publication organised shortly after the poet's death.

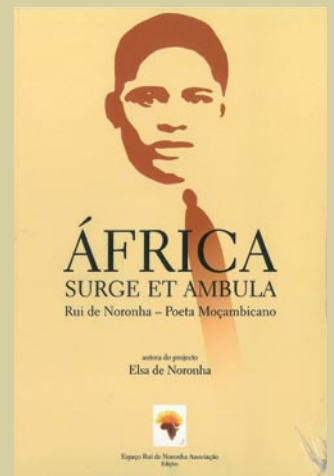
But Rui de Noronha was also a notable columnist, along the protest tradition of the Albasini brothers, Estácio Dias and Karel Pott. He proclaimed the right of the natives to full citizenship, fought for universal rights and full education, undersigned the famous collective manifesto on

the "Question of the Assimilados" (1927), and he pursued the affirmation of a plural Mozambican identity, defended teaching the Koran, and sang "Black" and "Mulatto" women in poetic prose in newspapers.

Mozambican historian José Moreira underlines the affirmation of that identity in sonnets such as "Pós da História" (1934), which remained unpublished until the above-mentioned definite edition of his work in which Noronha "subverts the mythology that the colonial power had created around the defeat of Gungunhana, the king of Gaza":

"Mournful, absolute silence fell; in the Kraal of the celebrated and venerable ngun; and Gungunhane, standing with a serene air; looked on them both with a heroic and august gaze".

This was the real Rui, of his tragedy and our (dis)content, whose centenary comes next October. ■



Inquietude

*My days of bitterness,
my concerns,
My painful days of indecision,
My lost songs, my vanished cries
Of misunderstood pain
and sorrow.*

*My laughing guileless hours,
Tranquil days wreathed in smiles;
Woven of candour and beauty,
Brightened with fleeting
certainties:*

*If from among you I could choose
The happy moments,
that brief harvest
Of gold, or grief and its ebbs
and flows*

*Of pain, - I would prefer
the whole of life
A restless sadness, to the numb
Immobile certainty of an eternal
well-being...*

Rui de Noronha,
in "Miragem", 2 July 1932